



CORREIO EDITORIAL
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL
DE00712016CE

O Gaiato

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

9 de Julho de 2016 • Ano LXXIII • N.º 1887
Quinzenário • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Da Adopção

NÃO é o primeiro caso com que nos confrontam e pedem ajuda, para rapazes que foram adoptados e se tornaram inadaptados na família que os acolheu. Sabemos de casos que atingiram tal gravidade que colocaram quem os acolheu, em ruptura com a vida. Situações em que a criança adoptada se revoltou contra a sua circunstância e contra quem lhe quis bem, de forma violenta. Casos em que as dificuldades se avolumaram na relação familiar e fizeram desmoronar um projecto de vida que parecia auspicioso.

A bondade da adopção ou de qualquer outro tipo de acolhimento de uma criança sem família, não se põe em causa. O que a pode pôr em causa são os critérios que a tornam efectiva e legal. Integrar uma criança numa família que não é a sua, tem de ter na sua génese, por parte dos adoptantes, a consciência de que se está a assumir uma grave responsabilidade. A criança tem de ser recebida e cuidada como se nela tivesse sido gerada, embora dificilmente ela se venha a sentir como tal. Apesar dos muitos sinais de bondade que lhe são dirigidos, muitas vezes não os capta na sua autenticidade ou os desvaloriza por si mesma ou por influência de outros. Quanto bem feito e mal compreendido ou depreciado, quando a gratidão era a correspondência naturalmente esperada?

Pai Américo dizia que a criança havia de ser acolhida e educada num ambiente familiar semelhante àquele em que nasceu. Este critério perde-se, naturalmente, quando a família adoptante ou de acolhimento quer rodear a criança de uma vida dourada que lhe tirará a capacidade de ter uma

visão objectiva e real da vida. Daqui só lhe poderá resultar insatisfação, desnorte e seus consequentes desvios na sua relação com os outros.

Fica, de facto, no ar, a sensação de que prevalecem critérios de avaliação material na hora de decidir entregar uma criança a uma família adoptante. Os de ordem espiritual, da motivação e capacidade de doação e partilha de vida, porque menos quantificáveis e menos visíveis, não serão considerados com o seu importante peso. Outro, a experiência passada na educação dos filhos, deveria ser também um critério importante a ter em conta. Se não são levianas certas situações em que uma criança é dada em adopção, são pelo menos de risco aquelas onde não há um pai e uma mãe, já que a criança nunca esquecerá que foi deles a sua génese, e os seus companheiros, nos vários momentos da vida, lho lembrarão. Não posso esquecer aquele nosso Rapaz que desde muito pequeno contraiu a carência de não ter pai que o fosse buscar à escola, circunstância com que diariamente os seus companheiros o martirizavam...

Nunca se deve deixar de valorizar a experiência da criança nos seus primeiros anos de vida. Nunca vi uma criança a desejar trocar a sua família, ainda que muito pobre, por outra onde a abundância salta aos olhos. Mais, esta situação só lhe provocará confusão, do que nunca se pode esperar a passagem a uma verdadeira integração. Se forçada à mudança de uma para a outra, as consequências hão-de manifestar-se depois.

Não sei se é do meu olhar se de que é, mas até agora sempre encontrei mais alegria nas crianças pobres no seu seio familiar do que nas outras. A alegria não vem das coisas, mas do sentir-se livre e amado. Ora, uma e outra coisa nunca se adquirem da matéria mas vêm pelo espírito. Apesar disso não se invalidam, mas ambas são precisas. □

60 ANOS DA MORTE DO PADRE-PAI AMÉRICO



EM PENAFIEL

COLÓQUIO: Padre - Pai Américo

Uma vida ao serviço dos Pobres na Igreja

IGREJA DA MISERICÓRDIA
15.07.2016 – 20:30h.

Grupo Musical da Associação dos Antigos Gaiatos do Norte

ARTISTA DA PALAVRA — Prof. Doutor Henrique Manuel Pereira

UM PASSEIO PELAS ORIGENS — Doutor José Coelho Ferreira

UM ÚLTIMO SONHO – O CALVÁRIO — Doutor Abel Magalhães

FOI HÁ 60 ANOS — P.^e Júlio Pereira – Director da Obra da Rua

Moderador: P.^e Manuel Mendes – da Obra da Rua

OUTRAS INICIATIVAS

De 15 de junho a 15 de julho, nos espaços do Museu:
Exposição de Trabalhos das Escolas sobre Padre - Pai Américo

Durante o mês de julho, nos espaços da Biblioteca:
Exposição documental sobre Padre - Pai Américo

16 de julho, 19:30h, Missa concelebrada, na igreja Matriz

OUTRAS LOCALIDADES

10 de Julho – 10:30h – Eucaristia, na Igreja Paroquial de Galegos (Divino Salvador), Penafiel.

12 de Julho – 11:00h – Eucaristia, na Capela da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, no encontro dos Padres naturais do Concelho de Penafiel.

16 de Julho – 15:30h – Eucaristia, na Igreja da Santíssima Trindade, Porto. Preside o Sr. Bispo do Porto, D. António Francisco dos Santos.

17 de Julho – 12:00h – Eucaristia, na Capela da Casa do Gaiato de Paço de Sousa e Homenagem na campa rasa de Pai Américo, seguida de almoço, neste dia do Encontro anual dos Antigos Gaiatos.

24 de Julho – 12:00h – Eucaristia, na Igreja Paroquial de S. José, Coimbra. Preside o Sr. Bispo de Coimbra, D. Virgílio do Nascimento Antunes.

13:00h – Almoço-convívio aberto. Lançamento das publicações: *Padre Américo – O “Santo” dos Pobres; e Padre Américo – Precursor do II Concílio do Vaticano*, de D. António Marcelino.

Exposição biblio-iconográfica permanente sobre Padre Américo e a Obra da Rua, na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo.

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

ENTRE os que vêm à nossa Casa com alguma regularidade, buscar alimentos, apareceu uma viúva a rogar-me que lhe pagasse as propinas da filha, a qual frequentou no último ano lectivo o Instituto Politécnico de Setúbal e terminará no próximo ano a licenciatura.

Mora num bairro, no seu falar, de “pretos e ciganos”, onde ninguém pode sair à noite.

O marido morreu-lhe repentinamente com um AVC. Tem mais três filhos, e a mais velha está a terminar o curso referido, mas não poderá frequentar o Instituto sem pagar a propina do ano passado, estando o prazo a terminar para o fazer sem juros.

É uma senhora ainda nova com um aspecto físico forte mas bastante débil.

— Oh, padre, apanhei diabetes!
— Minha senhora, fuja do açúcar quanto puder!

— Pois é, mas o ano passado o nosso comer em casa, foi quase só café com pão a todas as refeições.

Entre lágrimas de amargura

foi-me contando a cruz da sua viuvez, as dívidas que o marido deixou e, até, as terríveis dificuldades económicas que tem passado com os filhos.

Faz umas horas por dia a passar a ferro e algumas limpezas, mas nem sempre lhe pagam. A indiferença ao sofrimento alheio ultrapassa dores inimagináveis.

A senhora deu-lhe peixe congelado aqui em Casa que nos haviam oferecido em abundância e um bom e variado avio que lhe levei à casa, com ela no nosso carro.

Pagamos-lhe a propina no valor de 810€, cheque endossado ao Instituto e 450€ para tirar a carta, à escola de condução, a fim de que possa arranjar um trabalhinho melhor.

Reconforta-me vivamente que uma menina vivendo num bairro destes, seja capaz de trepar na vida, como os que são dotados a residir em bons ambientes!

Com a nossa camioneta fomos a Alcochete buscar mobílias que não chegaram a entrar em Casa. Foram descarregadas, directamente

no andar de uma família de cinco filhos, que só tinha o chão para dormir. Nem uma cadeira, nem uma mesa, muito menos uma cama!

A mobília carregada constituída apenas de dois roupeiros, que hoje são mobílias preciosas e raras, um sofá e uma secretária de mogno e pouco mais. Do que tínhamos em Casa mandamos-lhe uma cama de casal e um beliche para as crianças, pois o andar tem só dois quartos, um fogão para a cozinha e fiquei de ir lá vistoriar quantas torneiras precisam para se governarem e ver se arranjo um lava-loiças, pois têm apenas um alguidar para este efeito.

Segundo o Papa Francisco, estas acções são o melhor meio de Evangelizar. Ir às preferias da sociedade para, com acções de bem-fazer mostrar o Evangelho.

Quem deu a mobília, ficou mais rico. Quem a recebeu, mais rico ficou. Não se trata somente de bens materiais, mas, sobretudo, da abundância espiritual.

A família mais rica ficou grata a Deus pelo que repartiu com os pobres e a mais carenciada, do mesmo modo, pelo que recebeu do Património em nome do Senhor!

Como é bom e agradável ser pobre para construir pontes destas! □

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

“MISSA E ALMOÇO DOS DOENTES” — No passado dia 19 de Junho teve lugar o que costuma ser designado por “Missa e Almoço dos Doentes”, uma iniciativa da nossa Conferência Vicentina para permitir trazer à celebração dominical seguida de almoço, pelo menos uma vez por ano, as pessoas cuja saúde já não lhes permite fazer isso pelos seus próprios meios, bem como mais pessoas cuja idade, ou outras situações as colocam numa situação de vulnerabilidade. Como este ano este evento ficou próximo da data da comemoração dos 25 anos de elevação de Paço de Sousa a vila, a Junta de Freguesia associou-se à iniciativa pagando os custos daquilo que foi preciso comprar. O trabalho continuou a ser, como de costume, dos Vicentinos e doutros voluntários.

Este evento tem sido sempre muito apreciado pelas pessoas que nele têm participado e desta vez também aconteceu o mesmo.

Momentos assim são necessários, mas não podem esgotar a atenção que devemos aos nossos doentes, aos idosos e a outras pessoas em situação de vulnerabilidade. Essa atenção não se pode esgotar em festas, ou noutros momentos passageiros. Tem que ser contínua, ao longo de todo o ano. Neste sentido, a Conferência Vicentina vai procurando fazê-lo nas pessoas que acompanha e outros movimentos, como os ministros da comunhão, também colaboram indo a casa das pessoas que querem, mas não podem sair de casa para receber este sacramento.

No caso da nossa Conferência, também há apoio financeiro no pagamento dos custos dos medicamentos, apoio esse para o qual tem estado a ir a maior parte das nossas receitas.

Se tudo o que atrás ficou dito é preciso e ajuda, aquilo de que mais precisamos os doentes, idosos e outras pessoas em situações de fragilidade é de atenção, carinho e gratidão. Infelizmente é frequente esquecermos o muito que devemos aos idosos e a outras pessoas que nos ajudaram, a partir do momento em que a idade lhes pesa e a saúde lhes falta. Nas empresas e noutras organizações quem tem mais idade já não presta e é para despedir. Infelizmente, em muitas famílias e noutras comunidades também é assim, mas não pode ser. Talvez uma das principais formas de pobreza hoje em dia seja esta falta de atenção, de carinho e de gratidão pelos doentes e pelos idosos. Que Deus nos ajude a sabermos lutar contra isso. □

BEIRE – Olhos para ver... Coração para entender...

Um admirador

Gosto daquela do Segundo Livro dos Reis: — *Serás grande porque não me pediste riquezas nem poder... Pediste-me um coração inteligente e uma inteligência sensível...* Hoje, na minha nova visão da Teologia, não gosto de “pedir” nada ao “Senhor do céu e da terra”, como o fazia Salomão, *naquele tempo*. Hoje, sei que o nosso Deus *Abba*, Pai / Mãe, revelado em Jesus de Nazaré, não se importa que continuemos a “pedinchar”, porque sabe como recusar o que lhe pedimos mal... Mas gosto mais de auscultar aquela verdade que Jesus nos revelou: *Antes que Lho peçais, já Ele sabe aquilo de que tendes necessidade...*

Sendo esta a minha fé, em vez de “mendigar” e ficar à espera que a esmola venha, gosto de ACREDITAR que Ele já sabe do que preciso e que até já está à minha espera, quando eu, desviado do caminho, decido ir ao Seu encontro... (*Parábola do Filho Pródigo*). Sei que Ele sempre me espera. O resto, agora, é comigo. Sou eu que preciso estar atento às minhas necessidades e ao nível delas (*1º mandamento de Valor Universal*). E levantar-me para “voltar à casa de meu Pai”. Preciso fazer a minha parte, convicto de que Ele é fiel e nunca deixará de fazer a Sua.

É sábado. Ainda não são bem as 08.00h da manhã. O dia está vestido de primavera. O sol, em delicado acordar, banha em pleno a Quinta dos Rapazes e a Mata do Calvário. Depois do canto da sua *oração da manhã*, os pássaros, ariscos, pelo chão, em busca de alimento, dão vida à natureza. Tomado o pequeno almoço com os rapazes, Padre Telmo sobe comigo para ajudar a dar o pequeno almoço aos doentes. Encanta-nos atravessar pelo meio desta *mesa de Deus* em que crescem as laranjas, as maçãs, o vinho, as groselhas, todo o povo da erva que alimenta os passarinhos..., correm as águas e as flores nos brindam com as cores do arco-íris, inebriando-nos com o seus perfumes.

Chegamos. A Ermelinda, já bem vestida, toda despachada, feliz, largou o andarilho e, toda despachada, anda a varrer os espaços que são mais seus — frente ao banco de pedra, na varanda, por baixo dos pavilhões. É ali onde passa a maior parte do seu tempo a *ver e a relatar* o que se passa... Ao ver-nos, para, saúda-nos e acena com gestos tão soltos e adequados — que mais parece uma qualquer pessoa normal. E tudo isto emoldurado por um rosto em que brilha o mais lindo sorriso do mundo. Ela, a Ermelinda que, agarrada ao seu andarilho, se arrasta com dificuldade e não se cala em seus berreiros e guinchos contínuos. Ela a *furiosa!*... Por tudo e por nada a fazer a sua guerrinha, quando *se passa*, só por que as coisas não lhe correm a jeito...

Paro. Olho. Escuto e ausculto-me. Com+TEMPLO. Fico-me no ruminar de muitos outros *flashes* que, aqui no Calvário, desencadeiam em mim a experiência daqueles *momentos mágicos* que alimentam a minha fé nestas *pessoas com deficiência*... Que raramente pensam direito, mas sempre sentem a festa da Vida que neles corre — tal como em nós. Lembro Jean Vanier: — *Pessoas com deficiência, mas sempre PESSOAS*... Que tanto precisam de cirenos que botem uma mãozinha naquela sua cruz que nenhum de nós queria para si...

Assaltam-me muitas outras cenas que tecem a nossa vida aqui. Enternece-me aquela da Maria José, outro caso de desequilíbrio profundo, que chorou porque a Alicinha, quando morreu, *não levou o casquinho que eu lhe dei*... E o relato que, a chorar de ternura, me fez a Beatriz da sua relação com a doentinha: — *Aninhava-me em frente dela, e dizia-lhe ‘olha, Alicinha, vêz que também sou pequenina como tu’?!... E as duas nos ríamos muito. Ela até dobrava o riso...*

Hoje entendo melhor o que já aqui escrevi, n’O GAIATO de 14 de Maio próximo passado: *Tudo é mágico com você!*... Você, meu Santíssimo Nome de Jesus, fonte e inspiração de tudo ISTO que, no seu mistério, dá sentido à minha vida e à de tantos que, em palavras, actos e omissões, aqui *rezam* muito do seu tempo... □

PAÇO DE SOUSA

Fausto Casimiro

TIPOGRAFIA — Os nossos mestres tipógrafos estão a preparar a nova máquina de imprimir o nosso Jornal. Está a correr tudo bem e este número d’O GAIATO já será feito nela. Também o novo número do Boletim AMA já está sendo feito nela. Com a nova máquina temos possibilidade de fazer mais trabalhos para fora. Os nossos Amigos podem pedir-nos os orçamentos para os seus trabalhos.

FÉRIAS — Os nossos «Batatinhas» juntamente com os Rapazes da casa 4 de cima e o «Guga», estão já na praia, na nossa casa de Azurara, para passarem os seus dias de praia. É uma casa boa para passar férias, e aproveitar o tempo para dar uns mergulhos no mar e para nos divertirmos. Os «Batatinhas» gostam de brincar

às escondidas e os mais crescidinhos gostam de jogar futebol. Acompanhados pelo Sr. Alberto «Resende», costumam ir à Vila dar os seus passeios e fazer as suas visitas. Os Rapazes gostam muito destas férias.

CARPINTARIA — O sr. Faustino andou a fazer a nova porta, em madeira, para colocar na entrada do nosso Memorial do Pai Américo. Vai agora começar a fazer o tecto, também em madeira, para o *hall* exterior. Este trabalho da nossa carpintaria fica muito bem feito. No futuro temos ainda muito trabalho pela frente para o nosso Museu.

PISCINA — Os Rapazes que ficaram na nossa Aldeia, andaram a fazer a limpeza da piscina, por fora e

por dentro. Enquanto nós estamos em Azurara, eles divertem-se e desfrutam da frescura da piscina, nas horas livres. Jogam polo aquático, saltam da prancha e nadam em concurso para ver quem chega primeiro. Sempre há um Rapaz responsável para fechar a piscina na hora certa.

60 ANOS — Estão a decorrer as celebrações dos 60 Anos da morte do nosso querido Pai Américo. No nosso Jornal temos publicado os programas que estamos a realizar, em várias localidades, e convidamos todos os nossos Amigos e Leitores a estarem presentes, porque todos fazemos parte desta grande família que Pai Américo criou, ao dedicar a sua vida aos Pobres a e todos os que desejam que haja justiça entre os homens. □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

Maurício Mendes

DIA DE PAI AMÉRICO — O encontro do dia de PAI AMÉRICO, é sempre no domingo seguinte ao dia 16 (dia de nascimento de Pai Américo para o Céu). Este ano calha no Domingo de 17 de Julho. O programa já é o habitual de todos os anos seguindo os mesmos rituais já institucionalizados dos anos anteriores, começando pela assembleia da associação, pelas 09:00h, seguido da homenagem ao Pai Américo, assim como ao Padre Carlos na nossa Capela e aos antigos gaiatos falecidos, com a deposição de flores. A missa está marcada para o meio-dia, seguindo o habitual almoço partilhado com os nossos rapazes mais novos. Não se esqueçam de trazer uma sobremesa por cada família, assim como efectuar a prévia reserva para o almoço.

A Associação faz saber que neste dia, 17 de Julho, nesta Casa do Gaiato, irá ser apresentado pelo nosso Dr. Abel, o livro do nosso obreiro Júlio Silva, “Do que vi e ouvi e senti, Testemunhos de uma Vida”.

Também para breve irá sair o novo livro de nosso Padre Telmo.

Agradecemos desde já a presença de todos, como um testemunho a bem da nossa Obra.

CONVOCATÓRIA — Nosterms do artigo 12º dos nossos estatutos e para os efeitos do artigo 10º e 11º, convocam-se os associados para a Assembleia Geral, a realizar no domingo, 17 de julho de 2015, pelas 9:00 h., com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 – Leitura e ratificação da acta da assembleia anterior;
- 2 – apreciação, discussão e votação das contas referentes ao exercício do ano anterior;
- 3 – apresentação, discussão e votação do orçamento e plano de actividades para o período 2015/2016;
- 4 – eleição dos órgãos sociais para o biênio 2016/17;
- 5 – discussão de outros assuntos de interesse.

Se à hora marcada não estiver presente o número de Associados previsto no n.º 1 do artigo 13.º, dos nossos Estatutos, a Assembleia funcionará trinta minutos mais tarde, em segunda convocatória, com qualquer

número de Associados presentes com direito a voto.

PASSEIO — Este ano o passeio da Associação rumou até ao Altar do Mundo-Fátima. Tivemos a agradável surpresa de contar com a companhia do Padre João que fez questão de celebrar Missa para todos e nos incentivou a dar o nosso testemunho pela Obra da Rua. Bem-haja Padre João.

TUNA — A tuna musical da Associação continua bem afinada e tem sido convidada para alguns eventos. Apesar de termos instrumentos musicais já um pouco gastos, a música sai sempre bem afinadinha. Estivemos presentes no largo do Mosteiro de Paço de Sousa, onde actuamos a convite da Junta de Freguesia de Paço de Sousa, no âmbito das comemorações dos 25 anos de elevação a Vila. Iremos, com muito gosto, abrilhantar o Colóquio sobre os 60 anos da morte de Pai Américo, que se vai realizar no sábado, dia 15 de julho, na Igreja da Misericórdia, em Penafiel. Compareçam! □

LAR DO PORTO

Adelaide e José Alves

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Hoje queremos dedicar esta crónica ao nosso Calvário e ao Sr. Padre Baptista, o último sonho do nosso querido Pai Américo, cuidar dos doentes e deficientes rejeitados pelas suas famílias e sociedade.

Nós, gaiatos, que vivemos perto desta realidade, sabemos o quão importante foi e continua a ser esta face da Obra da Rua: O Calvário.

O nosso Calvário foi sempre dirigido e orientado pelo Sr. Padre Baptista, que quem conhece é um homem que se dedicou a esta Obra com muito amor e dedicação. Não é nem nunca foi tarefa fácil, erguer uma casa com jovens deficientes, a todos os níveis, e doentes acamados.

A todos os jovens e deficientes são atribuídas tarefas, porque, com elas, sentem-se úteis a fazerem algo, cuidar do gado, do campo, na cozinha, na limpeza.

Nunca vi exploração, unicamente dar-lhes oportunidade pelo facto de serem deficientes, conseguem realizar tarefas e serem capazes de dar um pouco de si e sentem-se felizes quando nasce um vitelo, ou quando é altura das colheitas.

Quem visita o Calvário, apercebe-se da forma como toda a Casa está organizada e cuidada, com

espaços livres para poderem circular.

Quanto aos doentes, sempre foram e são tratados com carinho, há sempre voluntários que com todo o seu amor e dedicação se disponibilizam para dar banhos e comida. O facto de alguns estarem mais protegidos nas cadeiras e camas, para sua segurança, não quer dizer que são maltratados, mas, sim, evitar que caiam e se magoem.

O Sr. Padre Baptista é um homem com muitos conhecimentos a todos os níveis, não fosse a sua experiência de 60 anos a tratar de doentes. O seu diploma é a sua dedicação de estar presente e próximo dos doentes — e quem disser o contrário, mente e tenta distorcer todo o seu mérito.

O Calvário é uma casa de família, todos dão a sua partilha e tudo isto foi sempre orientado pelo Sr. Padre Baptista que sempre deu oportunidade a todos que foram rejeitados, que podiam e podem ser úteis e capazes de dar um pouco, apesar da sua deficiência.

Nunca foi fácil lidar com estes doentes e quem cuida de doentes e deficientes mentais e motores, sabe muito bem do que estou a falar, tem que haver regras e nisso o nosso Padre Batista é rigoroso, não cede, mas só assim consegue manter a disciplina e não é o facto de serem deficientes que não deve haver regras, tudo faz parte

da vida e quem os conhece, eles sabem distinguir o bem do mal, alguns com mais dificuldade, mas nem por isso deixam de ser corrigidos.

Nós que hoje somos pais e avós também impomos as nossas regras e disciplina, transmitir valores de respeito e de família, se assim não o fizermos, é uma casa perdida, porque perdem-se os valores de família e o respeito pelos outros.

Estamos a falar de poucas pessoas e todas da mesma família, mas no Calvário são todos diferentes, mas respeitados como se fossem todos iguais é esta a diferença de todos na Obra da Rua, e só quem não for humano e consciente é que não entende o que estou a falar.

Será crime dedicar uma vida inteira aos doentes, que a nossa sociedade rejeita, pois o nosso Padre Batista foi isso que sempre fez, por isso toda a sua vida, foi dedicada aos pobres doentes rejeitados, ele fez de tudo pelo seu próximo, se alguma vez errou com a sua atitude, quem somos nós para o julgar, todos cometemos os nossos erros e não temos nem por sombras a responsabilidade que ele tem, gerir uma casa com a dimensão do Calvário.



SETÚBAL

Padre Acílio

Copenhaga

FOI numa reunião convocada pelo Centro de Emprego e Formação Profissional a todas as instituições do distrito a trabalhar com jovens. Nesta se tornou patente o desejo das autoridades darem a mão a rapazes e a raparigas que querem elevar a sua competência e preparação para o trabalho, desejando também fugir do ócio que a muitos invade, atrai e destrói.

Pedia-se às instituições, representadas pelos Órgãos da Direcção que aconselhasse os seus acolhidos e todos os vadios e vadias do seu conhecimento a aproveitarem a oportunidade que o Estado oferece para lhes proporcionar a entrada no mercado de trabalho.

Apreeiei muito o zelo manifestado por aquele Serviço conduzido também com alguns desabafos amargos por serem poucos os jovens a procurar esta ajuda. Apelava-se então, às instituições conhecedoras do terreno social que propagandassem o aproveitamento desta oportunidade.

Em nossa casa não há gente desempregada. Contratados definitiva ou temporariamente, todos trabalham.

Lamentaram-se muito desanimados alguns representantes das instituições presentes acolhedoras de jovens enviados pelos tribunais ou comissões da falta de treino e vontade para o trabalho. Não querem. Ninguém os põe a trabalhar.

Sem ninguém poder acudir ou responder a esta dificuldade, numa escuridão que a todos envolvia, apareceu um director a falar de uma experiência em Copenhaga. Uma instituição ligada ao Estado alicia rapazes por dinheiro e, depois, põe-nos a trabalhar na construção civil, na agricultura, na pecuária e tem conseguido algum êxito.

Com dinheiro os atrai e descontando os castiga.

A Educação no trabalho está, entre nós, posta de parte nas instituições oficiais. Os meninos e as meninas estudam e nada mais lhes é exigido, além de fazerem a própria cama. Têm criados para tudo, até para os entreter. É uma educação para a burguesia com abundantes frutos miseráveis a encherem as nossas cadeias e a povoarem as cidades de drogados, prostitutas e sem-abrigo. Os técnicos podem valer muito mas se a orientação legislativa é errada os desvarios estão à vista.

Hoje em nossa casa dois rapazes apanharam flores de tília para serem secas à sombra e guardadas em lugar limpo para os chãs do ano inteiro. Um grupo arranca ervas do cebolal as quais serão também alimento dos nossos porcos. Alguns levantaram as mesas do pequeno-almoço, lavaram a loiça, limpam a sala de jantar e puseram as mesas. Os da vacaria tiraram o leite e distribuíram

o que tem colostro pelos vitelos recém-nascidos. Com máquina e tractor deram comida ao gado todo, lavaram as salas de espera e de ordenha e removeram algum estrume que os rodos automáticos não apanham.

Dois foram vender o jornal, um foi para Lisboa outros limpam os corredores, os balneários e os jardins. Ainda alguns mais velhos fizeram massa de cimento e areia com a betoneira, transportaram-na com o tractor para junto do trabalho e rebocaram um pedaço do murro. Era dia de matrículas e os mais esquecidos foram também às escolas tratar delas. Um outro fez o exame de condução e mais um, fez aulas de Código.

Claro que estamos em tempo de férias só alguns universitários têm exame.

Precisamos então de ir a Copenhaga aprender alguma coisa?

Normalmente diz o nosso povo que *ao longe tudo o que luz é ouro* e o que vem do estrangeiro é que é bom.

A nossa experiência está ultrapassada e a Obra do padre Américo não é para os tempos de hoje segundo pensamento dos *sábios e inteligentes*.

Um livro

APÓS a publicação de “CAMINHOS DA VIDA” onde o José Rogério relata como mestria a sua meninice, paisagens e pessoas que o envolveram em Setúbal e em Almada, numa prosa digna de um bom escritor, num volume de mais de 400 páginas, edita agora, outro livro de poemas sob o título “POESIAS DO MEU CANTO”.

Enquanto no primeiro descreve com elevação os panoramas e personagens e uma forma física e bela; “*poesias do meu canto*” é uma amostra íntima da sua sensibilidade e alma de poeta. Quando comprei o lar de férias da Arrábida, escrevi aos meus leitores que também havia de fazer aqui escritores e poetas.

A vida mostrou-me, ainda neste mundo o cumprimento feliz desta previsão.

O doutor José Rogério natural de Setúbal e aqui criado deu muito a esta Casa como estudante, e professor fazendo agora questão que eu fosse a Ponta Delgada participar no lançamento do seu segundo livro.

Comprou e deu-me bilhete de ida e volta, hospedagem em sua casa e, na despedida, pôs-me no bolso 200€.

Foi no fim deste Maio. O tempo estava frio, muito instável e foi curto para que eu devia fazer no quarto, mas ainda me proporcionou dois passeios àquelas maravilhas caprichosas e únicas da Lagoa das Sete Cidades e do Foco e à Caldeira Velha onde a água jorra da pedra a mais de cem graus de temperatura.

“POESIAS DO MEU CANTO” organizado em oito capítulos tem um preço acessível (12€) e é mais um espelho de alma de um Gaiato antigo. □

Antes de apontarmos o dedo, devíamos ir mais vezes ao Calvário, para vermos a sua obra e a sua dedicação, mas irmos visitar de coração aberto, tiremos as pedras dos sapatos e então estaremos em condições de falar sobre o Calvário.

Temos todos de respeitar e defender O Sr. Padre Baptista de todos estes 60 anos de trabalho de dedicação e disponibilidade que deu a esta Obra que é de todos nós, não nos esqueçamos que nenhum de nós faria melhor.

Façamos críticas com criatividade e dignidade, não vamos deixar que outros menos informados destruam tudo o que foi feito no Calvário.

Que o Pai do Céu dê ao nosso Padre Baptista e a todos os padres da Obra da Rua, forças para levarem a Cruz ao Calvário.

Sejamos todos Vicentinos, não julguemos que praticamos a caridade, se faltarmos às nossas visitas aos pobres, devemos ir visitar os pobres como fôssemos visitar os nossos pais e amigos.

Se lêssemos os livros do Pai Américo a forma como tratava os pobres, ele foi o mestre e nós vicentinos temos que seguir as suas pegadas. O vicentino tem de ter espírito de sacrifício e

entrega ao seu semelhante, e nós gaiatos temos mais obrigação, pois todos do nosso meio viemos de lá, do meio dos pobres, que os Padres da Obra da Rua nos foram tirar, e quem pensar hoje diferente está a enganar-se a si próprio.

Os tempos mudaram, mas as regras da disciplina e boa educação numa família, não podem faltar, senão estamos todos a criar uma sociedade indisciplinada, sem valores e sem amor, temos de marcar a diferença.

Queremos apelar aos nossos ami-

gos que neste momento estamos a ficar com dificuldades monetárias para podermos cumprir os nossos compromissos com os pobres, por este motivo agradecemos a todos os leitores, se possível, nos ajudem, a fim de conseguirmos continuar a nossa caminhada na ajuda aos nossos irmãos mais carenciados.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRES — Carminda Coelho 50€; Conceição Malaquias 100€; Isabel Magalhães 60€; Anónimo 50€. □



Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa

Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799

jornal.o.gaiato@obradarua.org.pt • obradarua@iol.pt

www.obradarua.org.pt

facebook.com/Casa.do.Gaiato

IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo

N.I.P.C. 500 788 898 • N.º de Registo 100398 • Tiragem: 21650

Director: Padre Júlio

Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)

Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

Redacção e Administração: Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

Prémio Padre Américo

NO dia 1 de Junho de 2016, numa sessão destinada a homenagear e louvar a memória do Padre Américo e a anunciar o resultado do Concurso Prémio Padre Américo/Casa do Gaiato, a Profª Doutora Isabel Ponce de Leão como representante do Júri do Prémio, transmitiu o seguinte:

Por unanimidade foram atribuídos os seguintes prémios:

1º prémio – artigo publicado no Correio do Vouga de 9 de Março, de Pe. Manuel Mendes. 2º prémio – artigo publicado no Correio do Vouga de 23 de Março, de António Marujo. 3º prémio – artigo publicado na Voz Portucalense de 9 de Março, de Margarida Alves

Dada a assimetria das peças jornalísticas concorrentes e de acordo com o nº 4 do regulamento, o Júri não aconselha a sua edição.

O Júri era constituído por: Padre Júlio Pereira (Director da Casa do Gaiato), Profª Doutora Isabel Ponce de Leão, Professora da Universidade Fernando Pessoa, Dr. Fernando de Almeida, Professor da Universidade Lusíada, Dr. Gil Moreira dos Santos, Advogado e Professor da Universidade Portucalense, Prof. Doutor Luís Fernandes, Professor da Faculdade de Psicologia do Porto, Representante da Editora Modo de Ler.

A data de entrega dos Prémios será anunciada oportunamente, uma vez que se está a pensar fazê-la coincidir com a publicação da obra: **PADRE AMÉRICO** — Pintura, Desenho, Poesia e outros lugares poéticos em homenagem e louvor do Padre Américo nos sessenta anos da sua morte [esta edição incluirá os três trabalhos premiados]. □

CORRESPONDÊNCIA DOS LEITORES

«A INJUSTIÇA É APANÁGIO DOS HOMENS — Conheci o Senhor Padre Baptista quando ele era um jovem Padre, eu uma criança com cerca de 10 anos. Falar do Sr. Padre Baptista, causa-me emoção, muita emoção — resultado da minha eterna gratidão pelos seus esforços, ensinamentos e mútuo respeito.

Há cerca de um ano, visitei-o na Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Estava na cidade do Porto e achei que devia visitar um homem que já não via há mais de 50 anos. O que sou hoje, muito devo ao Sr. Padre Baptista, logo, era um dever de consciência e de gratidão.

Na companhia da minha esposa, dirigi-me a Paço de Sousa e ao vê-lo não consegui conter a emoção. As lágrimas, por vezes, correram e a voz faltou-me!

Conversamos, recordamos as diversas passagens das nossas vidas. Vi um homem, calmo, afável e lúcido.

Quando ouvi nos órgãos de (des)informação as notícias de que o acusavam, perguntei à minha mulher: — Achaste que o homem (Padre Baptista) que nos recebeu estava louco? Ela respondeu: — Não o conhecia, mas para mim achei uma doce pessoa.

Acompanhei a sua ida para o Calvário-Beire, sei que era um projecto e desejo do Padre Américo o qual foi executado durante 60 anos, por este homem (Padre Baptista).

Recolheu, recebeu, foi buscar aos locais, seres humanos que ninguém queria. Cuidou, alimentou, lavou e sofreu com eles.

Aqueles que agora o acusam, onde estavam? Só ao fim de seis décadas é que descobriram que o Padre não era médico, enfermeiro, psicólogo, etc. etc.

Onde estavam os técnicos da Segurança Social que agora emitem relatórios? Sabem, por acaso, quanto é difícil lidar com deficientes físicos e mentais?

Qual o valor dos subsídios que o Estado enviou para o Calvário, quer em Numérico ou Pessoal Técnico? A CASA (Beire) está feita, o espaço é óptimo, a COBIÇA é ENORME !!

Onde para a Herança do benfeitor António Sardinha? O Estado devia explicar aos Portugueses de que forma tem sido delapidado todo o Património deixado à Obra da Rua.

Como Português tenho o direito a manifestar a minha indignação pelo esquecimento que vários governos manifestaram acerca deste assunto.

Não quero falar em cabala, mas o Padre Baptista é um dos indignados, será que tem que pagar a factura?

Por último, quero dizer o seguinte:

O Padre Baptista não merecia este vexame. Em Beire devia existir uma Estátua do Padre Baptista. Enquanto não mo provarem, recuso aceitar as acusações que são feitas.

O que aqui deixo escrito digo-o em qualquer Tribunal do Mundo.

O meu abraço fraterno para um SENHOR chamado Padre Baptista.

Assinante 25787»

«Conheço a Casa do Gaiato em Paço de Sousa, bem como o Calvário em Beire, há muitos anos. Sempre visitei, e visito, ambas as Casas muitas vezes no ano, principalmente o Calvário em Beire, pois sempre foi para mim um local de eleição, todos aqueles que tanto falam, primeiro deviam ir ver com os seus próprios olhos a beleza daquela quinta, tudo obra do Grande Homem que é o senhor Padre Baptista. Entrou a sua vida toda ao serviço dos doentes, daqueles que ninguém quer, e quando querem, é simplesmente por interesses monetários. Todos devíamos estar agradecidos ao senhor Padre Baptista, por todo o bem que ele fez. Doou toda a sua vida ao serviço do próximo —, como é lamentável ver tudo isto! (...) Vivemos num mundo onde não se reconhece o bem, apenas há interesses económicos, que passam por cima de tudo. Ainda devo dizer: Nada falta naquela Casa, já lá estive dentro muitas vezes, conheci bem de perto Mãe Margarida, essa grande mulher que ninguém fala, ajudei esses doentes, e continuarei a ajudar. E quero fazer aqui uma chamada de atenção, sempre que entregava qualquer valor ao senhor Padre Baptista, a resposta era sempre a mesma: — Veja se não lhe faz falta. Palavras muito lindas, vindas de alguém que, mesmo precisando, se preocupava com os outros. Estou horrorizada com estas falsas notícias, que as televisões e jornais aproveitam para manter audiências. Como é triste viver num País assim! Ao senhor Padre Baptista quero dizer que tenha coragem. O Senhor Jesus foi crucificado inocente, e ele também está a ser, mas a verdade triunfará.

Assinante 47490»

BENGUELA

Padre Manuel António

Queremos salvá-los

TEMOS uma lembrança preciosa que bate, constantemente, à porta dos nossos corações. Quem dera estejamos permanentemente sensíveis para a guardar e viver. Diz-nos que não devemos cansar-nos de fazer o bem. Se não desfalecermos, havemos de colher o fruto, no tempo oportuno. Portanto, enquanto estamos vivos e temos tempo, pratiquemos o bem para com todos, mas principalmente para com os mais pobres, os miseráveis. Não devemos esquecer-nos de que cada um de nós recolhe o fruto que tiver semeado. Quem semeia no amor, na caridade, na esmola, no donativo, colherá o tesouro da felicidade. Só os corações que fazem esta experiência sabem que é verdadeiro o conteúdo desta lembrança. Vamos ter coragem! Que a nossa caridade não esqueça ninguém, particularmente os mais pobres e indigentes de vária ordem. Não nos contentemos em sentir-nos bem nas nossas casas ou comunidades e lugares de trabalho, esquecendo o pobre que pede auxílio, nas várias situações da vida.

Há momentos, dois pobres que vivem numa casinha alheia, com suas famílias, vieram pedir ajuda para a renda da casa. Vão ser postos na rua! Estamos aflitos, perante situações ainda mais graves. Queremos salvá-los. De momento, a nossa Casa do Gaiato de Benguela não tem possibilidades para atender a multidão de pobres que batem à sua porta. Vamos até onde pudermos, sempre com muita confiança no amor dos vossos corações generosos. Todos os dias, levamos receitas à farmácia

para a compra de medicamentos. Nesta fase, o seu custo aumentou de forma impressionante. Muitas vidas de crianças, sobretudo, e doentes muito pobres estão salvas, graças ao vosso amor que passa pelas mãos da Casa do Gaiato. Na medida em que cada pessoa, família e empresa partilhem o que têm com a nossa Casa do Gaiato de Benguela, os mais pobres que nos batem à porta não serão condenados ao anonimato ou a sofrer sem que ninguém vá em seu auxílio. Queremos viver nesta Esperança. É, também, o caminho para a felicidade de cada um. É bela a referência feita à primeira comunidade cristã, quando diz: “Entre eles não havia ninguém necessitado”, porque partilhavam o que tinham. É um verdadeiro exemplo para nós e em todos os tempos.

Ontem, sábado, estive conosco um grupo de crianças, adolescentes e jovens. Vieram em visita para conhecerem a nossa Casa do Gaiato com os filhos. Os seus corações ficaram impressionados, perante a explicação que lhes foi prestada, juntamente com a visita às instalações e o contacto com os seus filhos. A Casa do Gaiato é a Casa de Família dos filhos sem família ou tendo-a, é como se não a tivessem. São filhos abandonados. São os filhos da rua. Sem dúvida, os seus corações de filhos a viver numa família natural, com normalidade, ficaram cheios de amor. Foi um momento muito saudável, em todos os sentidos. Doravante, vão olhar para as crianças da rua com um olhar cheio de compaixão e não de

desprezo. O grupo deixou uma lembrança com vários objectos, úteis para os nossos filhos.

O número de crianças da rua continua a crescer. É impressionante! Por isso, os pedidos para o seu ingresso na nossa Casa do Gaiato de Benguela são permanentes. De momento, porém, não é possível atendê-los. Um pequeno grupo de rapazes mais velhos, que deviam estar a viver a sua autonomia, fora da Casa do Gaiato, continuam a ocupar os lugares desses filhos que estão na rua, porque não há empregos. É, também, um grave problema que nos aflige muito. Vamos tentar resolver esta situação complicada! Hoje, veio visitar-nos um rapaz, antigo Gaiato, o Lourinho, com 32 anos de idade. Ao tomar conhecimento desta situação, prometeu, brevemente, encontrar o caminho para ajudar a resolver o problema. É muito interessante esta atitude dum filho mais velho que sente os problemas da Mãe Casa do Gaiato que o criou e dos seus irmãos, prontificando-se, a partir da sua própria experiência, a buscar a solução. Vamos esperar com confiança. Quem nos dera poder acolher mais alguns filhos abandonados! Há três dias, encontrei uma menina com uma criança ao colo. Entramos em diálogo e disse-me que era seu filho. Quantos anos tens? Respondeu que tinha 14 anos e o filho tinha 1 ano e 2 meses. E o pai, onde está? Fiquei aflito com o futuro daquela criança. É, sem dúvida, um problema social muito grave a situação dos filhos de pais que os abandonam! Esperemos, sem desânimo, melhores condições sociais. Com um beijinho dos filhos mais pequeninos da Casa do Gaiato de Benguela para cada um de vós, com a esperança da vossa ajuda! □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Com amor à Igreja - Serva e Pobre

Oh, quem me dera morrer tão pobre que a minha mortalha haja de ser mendigada!

Pai Américo.

NA homilia das suas exéquias, no Porto, em 1956, o Bispo D. António Ferreira Gomes afirmou: *será preciso deduzir bem e ter sempre presente a lição da sua vida; e essa lição, através de longa e vária escrita, resume-se toda naquela evolução fonética e semântica, que não sei se já foi historiada ou se algum dia o será, evolução que na boca dos seus gaiatos e dos seus sacerdotes, de Padre Américo fez Pai Américo. A verdade das coisas, provavelmente saída ex ore infantium!...* Não restam dúvidas, no Povo de Deus e pessoas de boa vontade, que o Padre Américo Monteiro de Aguiar (AMA) é uma figura cimeira da história da Igreja em Portugal no século XX. A Conferência Episcopal Portuguesa, em Nota Pastoral, no Natal de 1986, sobre o primeiro centenário do seu nascimento (1887-1987), escreveu que a *História da Igreja entre nós, neste século, não se poderá fazer sem lhe reconhecer lugar de primeiro plano*. Em 18 de Outubro de 1997, foi publicado o decreto de validade da Causa de Beatificação do Servo de Deus. Em 2004, foi impressa e entregue, na Congregação para as Causas dos Santos, a *Positio super vita, virtutibus et fama sanctitatis*. Já canonizado no coração do povo como *santo dos pobres*, bem merece um lugar próprio no *Martirologio Romano*. Porquê?

A resposta a esta pergunta (certeza) é-nos dada de forma magistral por um Bispo simples, numa conferência que agora vem à luz para não ficar debaixo do alqueire: *O Padre Américo antecipou-se ao II Concílio do Vaticano, porque o modelo de Jesus Cristo, servo e pobre, estava já gravado no seu coração e a orientar a sua vida. A opção preferencial pelos pobres era, de há muito, a sua opção de vida*.

Ocorria a 23 de Outubro de 2012 a comemoração dos 125 anos do nascimento do Padre Américo, quando dois dias antes, na Igreja de S. José, em Coimbra, numa Celebração Eucarística, o Senhor Bispo D. Virgílio, afirmou: *Conseguiu realizar esta harmonia tão desejada da acção e da contemplação, da fé que é empenhamento na vida, da acção social e caritativa como dimensão fundamental da comunidade cristã, da unidade do coração no amor a Deus que é sempre amor ao próximo, como duas realidades indissociáveis* — o que fizeste ao mais pequenino dos meus irmãos, a Mim o fizeste.

A 11 de Janeiro de 2013, em noite chuvosa, o Senhor D. António Marcelino, Bispo Emérito de Aveiro, chegou bem cedo para uma palestra evocativa. Quando o interpelámos para dizer, em Coimbra, umas palavras sentidas sobre o Padre Américo e o II Concílio do Vaticano, pois foi mesmo um precursor, atento aos sinais dos tempos, disse-nos logo que sim! Há mais de 20 anos, em Roma, num Sínodo dos Bispos, já o tinha evocado como servidor dos pobres. A dado passo, sublinhou: *Ele foi realmente alguém que voltou às origens do Cristianismo, à vida das primitivas comunidades cristãs, ao propósito de tornar o amor do Pai visível e efectivo*.

Neste sentido de uma Igreja Serva e Pobre, que espelhasse o rosto de Deus Pai misericordioso, e pudesse ser, deste modo, uma Igreja Mãe e Mestra, encontramos pois o Servo de Deus Padre Américo, três decénios antes do II Concílio do Vaticano. No final deste acontecimento conciliar, a 16 de Outubro de 1965, cerca de 40 Bispos assinaram um texto que manifesta a *Missão dos Pobres na Igreja*, conhecido por *Pacto das Catacumbas* (de Domitila), comprometendo-se a caminhar com os pobres. Isto mesmo ficou consignado na *Lumen Gentium* (8): *a Igreja ama todos os angustiados pelo sofrimento humano, reconhece mesmo a imagem do seu fundador, pobre e sofredor, nos pobres e nos que sofrem, esforça-se por lhes aliviar a indigência e neles deseja servir a Cristo*.

É bem tempo de retermos com os olhos rasos de lágrimas e de esperança as belas palavras que nos deixou. E também de recordar, gratamente, um grande Pastor, por quem também celebrámos a 11 de Outubro de 2013, na Sé de Aveiro apinhada de fiéis. Foi uma enorme manifestação de fé no Senhor da Vida! Sua irmã, depois do último aceno, testemunhou-nos — *Era tão vosso amigo!* Apelei, então, ao encontro com as irmãs de Lázaro, por quem Jesus chorou e d'O qual disseram os judeus: — *Vede como era seu amigo!* A sua luz brilha, na Igreja portuguesa, para que, vendo as suas obras, glorifiquemos o Pai que está nos Céus! Com luminas desta clareza assim, o Reino de Deus fica mais próximo.

Na fidelidade ao mandato de Jesus Cristo, o Bom Pastor, e à Tradição da Igreja, eis um testemunho episcopal corajoso, que sai sob o título Padre Américo: *Precursor do II Concílio do Vaticano* — *A sua leitura dos sinais dos tempos*. Tem introdução — *A simplicidade do autêntico*, de Henrique Manuel, que apresentou D. António Marcelino, no salão paroquial da igreja de S. José, em Coimbra. E uma interessante adenda biográfica do Sr. Bispo Emérito de Aveiro, por Mons. João Gaspar e Jorge Ferreira. Este belo livro também é distribuído pela Editorial da Obra da Rua, à qual pode ser pedido, sendo uma edição Alforria — Tenacitas. Servirá para nossa reflexão e, quem dera, com sementes de vocação!

Como a gratidão é a memória do coração, *ex corde* agradecemos vivamente todo o apoio prestado nesta iniciativa da Obra da Rua — Obra do Padre Américo, nomeadamente nesta publicação agora lançada no 60.º aniversário da sua páscoa para a Casa do Pai celeste. □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

CELEBRAMOS a Independência de Moçambique, 25 de Junho. As pessoas à nossa volta não têm espírito de festa. A alimentação e as necessidades básicas, ultimamente, tornam-se muito difíceis para qualquer família. A crise económica, os conflitos, a instabilidade política e a violência aumentam. Diariamente ouvimos, com tristeza, relatos de acontecimentos vários. Os meios de comunicação tentam confundir o real com o ideal. Ficamos perplexos perante a situação em que o Povo, em silêncio, vive amargurado. Alguns dizem: «O que vamos celebrar?» Quem dera pudéssemos fazer o

que o Pai Américo dizia: «Prevenir males maiores». Os mais pobres e as crianças são as principais vítimas deste processo. Segundo comentários, diariamente algumas empresas fecham, deixando os seus trabalhadores sem esperança. Um País, que apesar de viver a pandemia do HIV-Sida, tentava sensibilizar a sociedade para a solidariedade; hoje vive a indiferença dos horrores. Há muito que as crianças são obrigadas a assumir responsabilidades de pai e de mãe muito cedo. Agora, não só isto, mas as famílias também são afectadas, procurando como meio de subsistência o colocar os filhos na rua. Há dias, apareceu em

nossa Casa um rapaz de 10 anos, acompanhado pelo Chefe de uma aldeia do Chokwé, que vive a 300 km da nossa Casa. A criança vivia com o seu irmão de 15 anos, já está integrado em um grupo algures. Os vizinhos, por temerem o pior, vieram pedir ajuda para o menor. O pai faleceu, há 2 anos, a mãe faleceu o ano passado. As crianças ficaram com a avó, que tinha 12 filhos. Todos faleceram, ficando apenas a mãe das crianças, que foi a última. No início deste ano, a avó perdeu a vida, deixando as duas crianças. É impossível pensar que esta criança de 10 anos tão cedo possa abrir um sorriso. Aí está o verdadeiro trabalho da Casa do Gaiato, ser uma Família para os que não a têm. É difícil ficar indiferente perante a actual realidade em que vivemos. Muitas crianças estão a abandonar as escolas. As famílias buscam a todo custo algo para comer. Às vezes, quando perguntamos o que comeram, respondem «cacana» (uma erva amarga que utilizam para caril), e simplesmente «cacana», não há mais nada para acompanhar. Um saco de farinha de milho, que é a alimentação básica, custa 50 euros e não é fácil de encontrar. Ouve-se falar que, a partir de Setembro, haverá muita chuva, com probabilidade de cheias. Que Deus ajude a todos nós, nestes momentos em que não sabemos o que dizer e o que fazer para aliviar tanto sofrimento, dentro e fora da nossa Casa. Falta gente para atender sem medidas ao Chamado. Que Deus nos proteja. □

SINAIS

Padre Telmo

A mesa de Deus... É na avenida que leva à Casa dos nossos rapazes na aldeia do Calvário. Ela é uma avenida de videiras viçosas e já com uvas; e nos postes de suporte — roseiras com rosas vermelhas. À esquerda, um pomar de macieiras; à direita, um de laranjeiras.

A natureza põe a mesa — Mesa de Deus. «Todas as criaturas são Tuas, ó Senhor, que amas a vida». Tu nos dás o alimento e a beleza.

«Só um que se salve... já valeu a pena. Menos um criminoso!»

Não sei contar as famílias de Gaiatos. Tantas — em Portugal e na África.

Cada Casa do Gaiato tem a sua Associação. Cada se reúne em convívio fraterno todos os anos.

Na de Malanje. Estou quase sem-

pre com eles: Pais, Mães e filhos — estes me tratam de avó.

Somos humanos. Temos as nossas falhas. Estamos a caminho. Há famílias perfeitas? Modernidade actual? Não abdicamos do Espírito de Pai Américo.

Chama-se Salvador o menino que graças ao saber e técnica, nasceu com vida de uma mãe já morta. A Comunicação Social vibrou e deu-nos esta notícia enaltecendo o dom da vida...

Contraste terrível: Ao lado, na mesma Maternidade, a sala de abortos, onde tantas crianças são assassinadas. «Acto médico protegido pela lei do Estado e pago pelos impostos da Nação».

Tudo cala! Ninguém defende estas crianças? □